



PSICANÁLISE

Cleuza Mara Lourenço Perrini

Função feminina e função masculina

Relações intrapsíquicas e intersubjetivas

Blucher

FUNÇÃO FEMININA E FUNÇÃO MASCULINA

Relações intrapsíquicas e intersubjetivas

Cleuza Mara Lourenço Perrini

Função feminina e função masculina: relações intrapsíquicas e intersubjetivas

© 2025 Cleuza Mara Lourenço Perrini

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Preparação e revisão de texto Equipe editorial

Colaboração Mireille Bellelis

Diagramação Mônica Landi

Capa Juliana Midori Horie

Imagem da capa Pintura abstrata “Preto e violeta” (Black and Violet),

criada por Wassily Kandinsky em 1923

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Perrini, Cleuza Mara Lourenço

Função feminina e função masculina : relações intrapsíquicas e intersubjetivas / Cleuza Mara Lourenço Perrini. – São Paulo : Blucher, 2025.

192 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2652-9 (Impresso)

ISBN 978-85-212-2649-9 (Eletrônico – PDF)

ISBN 978-85-212-2650-5 (Eletrônico – Epub)

1. Psicanálise. 2. Psicanálise e mulheres. 3. Estudos de gênero na psicanálise. 4. Subjetividade. 5. Clínica psicanalítica. I. Título.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Prefácio	9
----------	---

Claudio Castelo Filho

Apresentação	15
--------------	----

PARTE I

1. Algumas considerações sobre o feminino↔masculino no interior da vida psíquica	23
2. Medusa – Função feminina: conter, mediar, intuir e proteger	45
3. O feminino em nós, uma experiência interminável	65
4. O masculino em nós, uma almejada e ameaçadora experiência	77
5. Penélope e a odisseia do feminino interminável	93

PARTE II

6. O nascer do outro na mente \leftrightarrow o nascer da própria mente:
antes... agora... e depois? 107
7. Dor psíquica: ficção ou realidade 127
8. *Os retirantes*, de Cândido Portinari: o esforço para ser
humano é o que nos torna vivos 143
9. Associações estéticas como representação do mundo
mental sem palavras 151
10. Sobre o significado clínico da experiência estética: a beleza
poderia ajudar? 163
11. A transitória igualdade e a incerta diferença 173

Prefácio

“Afinal de contas, o que quer uma mulher?” Essa frase emblemática de Sigmund Freud (1976) revelava que, após décadas de trabalho e de estudo com a alma humana, a mulher permanecia um mistério para ele. Segundo a biografia de Freud, escrita por Elizabeth Roudinesco, apesar de todo o seu pensamento revolucionário que revelou a bissexualidade nas mentes de todos os seres humanos, Freud ainda era um patriarca de cultura judaica do século XIX no que se refere às mulheres. Ainda considerava que o lugar delas era no lar e na criação de filhos. Não obstante, paradoxalmente, aceitou mulheres no movimento psicanalítico e na formação de psicanalistas em uma época em que elas permaneciam ostracizadas das atividades intelectuais e profissionais. Algumas delas tornaram-se notórias expoentes do pensamento e da expansão da psicanálise, como Lou Salomé, Melanie Klein e sua própria filha Anna (além de sua cunhada Mina, companheira de viagens e de interlocução intelectual).

Durante séculos a presença da mulher e do feminino (que são coisas diferentes como destaca Cleuza em seu trabalho) foi anulada ou negada. A diferença ou a importância da diferença sendo

percebida como perigosa ou ameaçadora. No livro Levítico do Antigo Testamento está expresso que uma mulher que dá a luz a uma mulher fica duas vezes mais suja do que aquela que dá a luz a um filho homem! Até pouco tempo com a política de filho único na China, milhares de bebês mulheres eram assassinadas ou abandonadas ao nascerem para que os casais pudessem ter outro filho varão que era fundamental até para o enterro de seus pais. O desequilíbrio na quantidade de homens e mulheres tornou-se tão grande que finalmente esse programa foi encerrado, pois ameaçava até a perpetuação da população.

Não faz muito tempo que a existência e o reconhecimento de grandes mulheres pintoras do passado era negado ou negligenciado na história da arte e nos museus – relegando-as a notas de rodapé de publicações ou a locais pouco destacados nos espaços de exibição, se exibidos. Vêm-me à mente nomes como Lavinia Fontana; Artemisia Gentileschi, que para seguir como pintora e não se casar, como esperava o pai de quem fora assistente, visto que uma mulher “honrada” não poderia ser artista, procurou perder a virgindade antes de que fosse levada ao altar, e, dessa forma, como uma mulher marginal, poderia continuar pintando; e Elisabeth Vigée-Lebrun (cuja inebriante autobiografia é uma leitura obrigatória), que aos 17 anos já se tornara pintora oficial da rainha Maria Antonieta. Com a revolução, deixou o marido, que vivia à custa dela, exilou-se com sua filha menor e foi trabalhar nas cortes da Itália, Alemanha, Áustria, Polônia, Rússia (a convite de Catarina, a Grande) e Inglaterra, antes de retornar à França pós-revolução durante o império de Napoleão I. No século XIX, até pouco tempo relegadas a um segundo plano, já no movimento impressionista, encontramos Berthe Morisot e Mary Cassatt. Mesmo possuidoras de grandes talentos, ficaram excluídas da confecção de diversos tipos de pintura porque era exclusividade dos homens (não podiam participar das aulas de modelos vivos, que eram usados nas pinturas históricas, as mais valorizadas) e viram-se forçadas a retratar

cenar domésticas, consideradas mais adequadas para as mulheres da época. Mesmo assim, serem artistas já implicava um lugar de suspeita na sociedade considerada respeitável, mesmo que elas fossem oriundas de famílias burguesas ou se casassem.

Na literatura, somente em 1980(!), a grande Marguerite Yourcenar tornou-se a primeira mulher a ingressar na Academia Francesa. E somente em 1997, a Filarmônica de Viena passou a admitir mulheres, sendo que até hoje, somente quatro fazem parte da orquestra!

Foi necessária a presença e a manifestação de uma grande mulher como Melanie Klein no movimento psicanalítico para evidenciar que uma mulher não era um homem castrado, que ela não era alguém a quem algo fundamental faltaria. Uma mulher É OUTRA COISA. Ela não tem ausência de pênis, ela tem outros genitais DIFERENTES. Um proeminente psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, dr. Yutaka Kubo, já falecido, destacava que Freud descrevia a mulher por algo que faltaria nela. Segundo ele, ao referir-se às mulheres pelo que nelas faltaria, seria uma manifestação de inveja de Freud das mulheres.

Como destaca Klein (1991), os genitais das mulheres estando voltados para dentro do corpo, ao contrário dos homens, que estão para fora, a preocupação com a interioridade e o mundo invisível (intuitivo) se desenvolve mais intensamente nelas do que na maioria dos homens, por se reassegurarem da sua integridade a partir da observação direta deles. Os homens também ficariam mais ameaçados pelo mundo feminino por não saber o que se encontra no interior do corpo da mulher (primeiramente, o da própria mãe), povoado por dimensões misteriosas e potencialmente assustadoras. A capacidade de gestar e dos seios (físicos e mentais) de amamentar e prover também seria um importante estímulo para a inveja masculina e os impulsos de anular a mulher e tudo o que seria feminino.

Este belo livro de Cleuza Perrini vem bem, a propósito, no momento em que movimentos religiosos e políticos fundamentalistas tentam mais uma vez anular a presença do feminino e de tudo que torna relevante a(s) diferença(s).

Perrini escreve:

Privilegio aqui a expressão “repúdio ao feminino” mais do que “repúdio à feminilidade”, que me parece também ter sido a ideia desenvolvida por Freud, mesmo que tenha utilizado o termo “feminilidade”, um adjetivo substantivado. Feminilidade é mais condizente com as qualidades do feminino do que com sua função, que é como pretendo desenvolver essa odisseia de Penélope, que a tece: o feminino interminável. (Capítulo 5)

De alguns anos para cá, resolvi ler artigos de jornais e periódicos de autores que pensam diferente de mim. Confesso ser um exercício que exige muito. No entanto, muitas vezes me surpreendo com a possibilidade de incluir no meu repertório alguns desses olhares, por apresentarem outro vértice que eu ainda não tinha levado em conta. (Capítulo 11)

Senti-me irmanado com a Cleuza nesse ponto. Em 2021, fui convidado a assumir a editoria da *Revista Brasileira de Psicanálise*, o que sabia ser um trabalho hercúleo que me tiraria noites de sono e praticamente anularia os meus fins de semana e férias durante quatro anos. Um dos fatores relevantes que me levou a aceitar esse prestigioso trabalho foi ver-me levado a ler trabalhos das mais diferentes correntes psicanalíticas e, fora da “minha casinha”, como destaca Cleuza, poder aprender muito a partir das diferenças.

Há alguns anos, após ler um brilhante trabalho dela sobre o feminino, convidei-a a participar com ele do livro que coordenei e para o qual escrevi um artigo, *Sobre o feminino* (Blucher, 2017), no qual, além de mim, outro colega homem, Renato Trachtenberg, também escreveu um capítulo, e mais seis colegas mulheres (Maria Helena Fontes, Cândida Sé Holovko, Gisele Gobbetti, Anne Lise di Moise S. Scappaticci, Ana Maria S. Vannucchi e Maria Luiza L. M. Salomão) que ofereceram belíssimos textos. Cleuza seria a sétima. Não obstante, meus insistentes esforços para ter seu importante artigo no livro, não obtive sucesso e tive de aceitar minha grande frustração, pois ela já havia se comprometido em enviá-lo para outra publicação. Minha grande compensação surge agora com o mais que honroso e estimulante convite que me fez para escrever este prefácio deste relevante livro, que é uma coletânea de diversos artigos expostos na forma sonata: exposição (feminino-diferenças), desenvolvimento e variações (expressão estética) e recapitulação (feminino/diferenças/expressão estética). O tema principal é a função feminina e seu contraponto, a função masculina, numa dimensão não sensorial presente em todos os seres humanos e cujo reconhecimento é fundamental para o desenvolvimento mental e social. Para tal, vale-se da concepção contida e contida proposta por Bion e do seu conceito de *reverie*, numa série complementar. Para desenvolver essa questão tão fundamental, Cleuza se vale de vinhetas clínicas e de muitas referências poéticas e musicais, além das relevantes citações teóricas da psicanálise.

“A expressão estética amplia e sintetiza a transformação desses significados e a psicanálise expressa a sua transformação metapsicológica” (Capítulos 9 e 10).

Destaco aqui algo não comum em nosso meio: a importância que ela também dá aos autores psicanalistas brasileiros, pouco lembrados por considerável fatia de nossos colegas, numa postura bastante

colonialista, sobretudo quando em nosso país temos uma quantidade imensa de colegas que produzem muito e de forma tão significativa e relevante há tantas décadas. Destaco também que em suas vinhetas clínicas ela narra situações em que se viu em impasses ou dificuldades, levantando questões a serem pensadas, o que torna o seu trabalho francamente científico, pois não é a comprovação de teoremas fechados que tendem à autolouvação do autor e da psicanálise, mas que buscam a reflexão e a expansão que também pode advir de seus leitores-interlocutores.

Nossa função na clínica é de promover ressignificações e possíveis elaborações que colaborem para descomprimir a psique de absolutismos morais rígidos quando a diferença, sentida como ameaça, encarcera a possibilidade do novo, da criação e da expansão da mente. (Capítulo 11)

Interrompo-me aqui para não me estender demais privando-os(as) da leitura fluida e ricamente estética deste consistente livro de Cleuza. Certamente será uma bela Odisseia na versão de nossa Penélope de Curitiba.

Maio de 2025

Claudio Castelo Filho

Membro efetivo e analista didata da SBPSP. Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Doutor em Psicologia Social e livre-docente em Psicologia Clínica pela USP. Editor da *Revista Brasileira de Psicanálise* (2021-2024)

Apresentação

Comecei a estudar o tema “Função feminina↔função masculina: relações intrapsíquicas e intersubjetivas”, por volta de 2010, sem notar conscientemente que o fazia. Na clínica, percebia, em alguns pacientes, uma oscilação entre fraqueza e prepotência, segurança e insegurança, precisar e prescindir, e esses eram fatos vividos comigo e com as pessoas que conviviam. Comecei a me deter sobre essas questões e passei a estudar e a escrever sobre elas.

Em um encontro específico sobre esses escritos, fiquei surpresa ao perceber uma certa animosidade sobre meu olhar e pensar a respeito desses elementos, como se eu estivesse sendo petulante de trazê-los para a mesa de reflexões. Sugeriam que eu estava criando uma “ideologia” mais do que justamente tratando de fatos que observava.

Apreendendo o acontecido, senti-me estimulada a pensar profundamente e a escrever mais sobre o tema. A curiosidade e o espírito científico que me habitam favoreceram esses estudos.

Inicialmente refleti, e achei curioso, que foram os homens presentes nesse encontro que me questionaram, com ardor. Outras

colegas agiam como se aquela ideia lhes fosse natural. O fato é que me mobilizei a estudar mais e mais.

Dois anos depois, eu tinha um primeiro trabalho que, discutido com outras pessoas, amadureceu, e foi publicado na *Revista Brasileira de Psicanálise*, em 2015. Esse artigo é o primeiro capítulo deste livro, é uma releitura com base em estudos posteriores que me permitiram discriminar e esclarecer melhor a qualidade de um fenômeno e sua função: a feminilidade e a masculinidade como *qualidade* e a *função* feminina e masculina em nós, na nossa vida psíquica, independente de questões de gênero.

Sou uma psicanalista preocupada com os fenômenos psíquicos e sobre eles me inclino com estimulante interesse. Não vejo as pessoas que me procuram clinicamente sob estereótipos de gênero (gays, lésbicas, binário etc.), apesar de ser assim que elas costumam se apresentar. Eu atendo pessoas.

O fato é que a publicação desse trabalho promoveu mais e mais conversas, então, naquele momento, me detive mais especificamente a ampliar meus estudos sobre o feminino, esse “continente negro”, misterioso e sagrado que promove tantas idealizações.

Em Medusa, figura mítica horrorosa, encontrei um contraponto que considerei necessário para desmistificar esse pendor pelo feminino idealizado. No entanto, senti que algo ainda faltava e decidi estudar mais sobre o feminino e o contumaz repúdio a ele, tão bem analisado por Freud. Antes e até mesmo durante meus estudos, notei um fato curioso: a maioria dos artigos que encontrava sobre o feminino era escrita por homens. Percebi que o feminino tanto atraía quanto era repudiado por nós.

Antes de apresentar este trabalho, ao conversar com uma amiga sensível aos fenômenos psíquicos, ela me disse: “Você sabe que está mexendo com vespeiro?”. Lembro-me que fiquei incomodada, pois essa não era minha intenção. Ao mesmo tempo, ela me confirmava

essa atração/repúdio do feminino em nós. Eu percebia que não seria por ele remeter à castração, como Freud pensava, pois sentia que isso não dava conta de tamanhas emoções, então, fui pesquisar.

Encontrei vários autores e me deparei com um continente/feminino, que além de conter, também abandona. Passei a me perguntar o que era tão desejado e, ao mesmo tempo, tão temido e se este seria um dos motivos para idealizarmos tanto a maternidade, a função materna. Mas percebi que a mãe que acolhe é também a primeira a desamparar. A temperança entre esses dois aspectos estaria relacionada ao trabalho de presença e ausência, que tanto nos nutrem quanto nos assustam no processo de desenvolvimento rumo a sermos nós mesmos. Tarefa nada fácil!

Ao assimilar essa questão, dei continuidade aos estudos e apresentei outros textos sobre o feminino. Trabalhar com essa condição humana idealizada culminou no fato de eu ser procurada para ministrar palestras e coordenar grupos de estudo sobre o tema. Tenho vivido uma experiência muito singular. Por exemplo, havia um grupo de estudos em andamento no qual analisávamos as duas funções, mas que apresentava uma forte tendência a focar apenas no estudo do feminino. Era um movimento voltado para o estudo dos gêneros (que não era meu objetivo), composto por pessoas que diziam: “Você que estuda sobre o feminino”, ao que eu prontamente respondia: “sobre a função feminina e a masculina também”.

Diante dessa demanda, surgiu em mim a necessidade de aprofundar o estudo sobre o masculino em nós. Para minha surpresa, notei que esse tema não despertava o mesmo interesse que o feminino. Ao pesquisar, encontrei poucos artigos sobre ele e a maioria também era escrito por homens. No entanto, ao ler esses trabalhos, senti que não refletiam o que eu observava na clínica, nas relações e em mim mesma.

Foquei na questão da segurança/insegurança, própria do masculino. Mas parecia ser uma audácia questionar a potência/impotência do masculino em nós, já que igualmente ele deveria se manter idealizado como “completo e específico desde o início”, assim como Freud o mencionou.

Este livro é uma releitura de todos os meus artigos publicados. Na segunda parte, aprofundo reflexões derivadas de diferentes aspectos que considerei relevantes e pontuais na prática da clínica psicanalítica.

Desejo a todos uma boa leitura!

“invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção de sua causa. Esse prazer logo me tornara indiferente às vicissitudes da vida, inofensivos seus desastres, ilusória sua brevidade, tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou, antes, essa essência não estava em mim, era eu mesmo”.

Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*,
Vol. 1 – No caminho de Shawn. Tradução de
Mario Quintana, 3ª ed., 2006, p. 71



Durante séculos a presença da mulher e do feminino – que são coisas diferentes, como destaca Cleuza – foi anulada ou negada. A diferença ou a importância da diferença sendo percebida como perigosa ou ameaçadora.

O tema principal deste livro é a função feminina e seu contraponto, a função masculina, em uma dimensão não sensorial presente em todos os seres humanos e cujo reconhecimento é fundamental para o desenvolvimento mental e social.

Em suas vinhetas clínicas, a autora narra situações em que se viu em impasses ou dificuldades, levantando questões para serem pensadas, o que torna o seu trabalho francamente científico, pois não se trata da comprovação de teoremas fechados, e sim da busca pela reflexão e pela expansão que também podem advir de seus leitores-interlocutores.

Recomendo com alegria esta obra de leitura fluida e ricamente estética.

Claudio Castelo Filho

SBPSP

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2652-9



9 788521 226529



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Função feminina e função masculina

Relações intrapsíquicas e intersubjetivas

Cleuza Mara Lourenço Perrini

ISBN: 9788521226529

Páginas: 192

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
